CURSO DE PEDAGOGIA

FACULDADE FASUL

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TEREZINHA DE JESUS FREITAS MARTINS

PRESIDENTE BERNARDES/MG

2025

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de contribuir com os estudos que fundamentam a importância do brincar na educação infantil e sua relevância para o desenvolvimento das crianças. O texto em questão trará importantes contribuições e opiniões de renomados teóricos e estudiosos acerca do tema ora exposto, no sentido de que é preciso levar em consideração que o brincar deve abarcar os conteúdos da faixa etária de 0 a 5 anos de idade. Será abordado o conceito geral de criança e infância, bem como as suas três etapas; primeira, segunda e terceira infância a fim de se compreender as particularidades de cada fase e, dessa forma, considerar as estratégias e intencionalidades do brincar em cada uma delas. O texto tratará também da questão do brincar como conteúdo pedagógico, apontando as diversas formas de se utilizar esse recurso para promover o aprendizado das crianças na educação infantil. Portanto a pesquisa abordada apresenta questões do resgate das brincadeiras tradicionais no âmbito escolar como meio de difusão e preservação das diferentes culturas, atribuindo a cada uma o seu real valor. A pesquisa utilizada para o trabalho é do tipo qualitativa, trata-se de pesquisa de revisão bibliográfica, buscando em trabalhos publicados e sites confiáveis, com seus respectivos autores que discorrem sobre o tema.

Palavras-chave: Brincar; Educação Infantil; Ensino e Aprendizagem.

ABSTRACT
This study aims to contribute to research that underpins the importance of play in early childhood education and its relevance to children's development . The text will present important contributions and opinions from renowned theorists and scholars on the subject, emphasizing the need to consider that play should encompass the contents appropriate for the age group from 0 to 5 years. The general concept of child and childhood will be addressed, as well as its three stages—early, middle, and late childhood—in order to understand the particularities of each phase and, thus, consider the strategies and intentionalities of play in each of them. The text will also discuss play as pedagogical content, highlighting the various ways this resource can be used to promote children's learning in early childhood education. Therefore, the research presented addresses the recovery of traditional games within the school context as a means of disseminating and preserving different cultures, attributing to each its true value. The methodology used in this study is qualitative, specifically a bibliographic review, based on published works and reliable websites, along with their respective authors who discuss the topic.

Keywords: Continuing education. Literacy teacher. Education.

INTRODUÇÃO

Desde seus primórdios, a humanidade tem construído diferentes olhares para a criança, a infância e a brincadeira nessa fase da vida. Na Idade Medieval (do século V ao XIV), as crianças compartilhavam com os adultos das mesmas brincadeiras e atividades de lazer, alimentação, vestuário, trabalho. Não havia, nesse sentido, nenhum cuidado especial que as preservasse dos conteúdos dos mais velhos. Por isso, alguns autores definem as crianças dessa época como “adultos em miniatura”. Elas colaboravam como membros da família em todos os aspectos.

Observando-se os quadros que retratavam as reuniões de família dessa época, pode-se notar muita sobriedade no estilo das crianças que os compunham. Nesse contexto, a educação se dava basicamente pela transmissão oral e o foco das aprendizagens era o ofício das famílias, da classe social à qual pertenciam. As poucas escolas que existiam pertenciam à Igreja Católica, que exercia forte influência política e econômica na sociedade. Um dos estudiosos da época foi São Tomás de Aquino (1224-1274) que, assim como Aristóteles, via no brincar uma atividade de relaxamento e recreação.

No decorrer dos séculos, a concepção de criança e de infância foi se modificando e, a partir das contribuições de grandes estudiosos como o médico e psicólogo francês Henri Wallon, o biólogo suíço Jean Piaget, o psicólogo Russo Lev Vygotsky, entre tantos outros teóricos, passou-se a entender a criança como um ser pensante e em constante desenvolvimento, porém com suas peculiaridades em relação ao adulto.

Nesse contexto, a criança passou a ser vista sob uma ótica diferenciada e, a partir de então, vários estudos e pesquisas sobre o universo infantil foram e continuam sendo realizados com o intuito de conceber a infância como uma fase que necessita de especial atenção, pois este é o período em que o indivíduo está se formando sob todos os aspectos; biológico, cognitivo e psicossocial. Nesse sentido, busca-se também, por meio de estudos, desenvolver meios para auxiliar e tornar pleno o desenvolvimento infantil.

A criança, a partir do seu nascimento, inicia seu processo de aprendizagem, mas há de se deixar claro que ela somente se desenvolverá se receber estímulos do meio. Se logo após seu nascimento, o bebê for trancado em um quarto sem nenhum contato com o mundo exterior, certamente, ao sair de lá, já na fase adulta, ele não terá desenvolvido a fala e não conseguirá interagir com outras pessoas e com os objetos. Este exemplo serve para reforçar o quão importante é o contato das crianças, desde muito pequenas, com o ambiente que a cerca, para propiciar seu desenvolvimento integral.

Vygotsky (1988), já destacava que a aprendizagem tem um papel central no desenvolvimento do ser humano:

> “[...] é um processo que inclui relações entre indivíduos, [...] a interação do sujeito com o mundo se dá pela mediação feita por outros sujeitos. [...] a relação que se dá na aprendizagem é essencial para a própria definição desse processo que nunca ocorre no indivíduo isolado.” (VYGOTSKY, 1988).

Para o psicólogo russo, a relação entre o pensamento e a linguagem, destaca o instrumento e o símbolo no desenvolvimento da criança. Marca a relação entre seres humanos e seu ambiente físico e social e as consequências psicológicas dessa forma de atividade, salientando a natureza das relações entre o uso de instrumentos e o desenvolvimento da linguagem. Para ele, o homem já nasce equipado com certas características próprias à

espécie humana, mas as funções psicológicas superiores dependem da aprendizagem, pois pertencem somente à espécie humana.

Diante desse pensamento vigotskyano, busca-se nesse texto, enfatizar a relevância que a brincadeira, o faz de conta e a interação social tem no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Durante as brincadeiras, as interações acontecem de forma mais intensa. Nessa perspectiva nota-se a relevância do brincar para a aprendizagem e socialização das crianças. Dessa forma, destaca-se que a brincadeira é a vida da criança e uma forma gostosa para ela movimentar-se e se tornar mais independente e autônoma. Brincando, a criança desenvolve os sentidos, adquire habilidades para usar as mãos e o corpo, reconhecer os objetos e suas características, como, forma, textura, cor, tamanho e aspecto. É também durante a brincadeira que a criança entra em contato com o ambiente, relaciona-se com o outro, desenvolve o físico, a mente, a auto-estima e a afetividade, tornando-se um ser ativo e curioso.

Assim, os jogos, brinquedos e brincadeiras são a base para o desenvolvimento do trabalho com as crianças da educação infantil, além de nortearem e orientarem o trabalho em cultura corporal de forma lúdica e prazerosa.

Em alguns momentos, jogos e brincadeiras são utilizados como estratégias didáticas, ou seja, atividades que proporcionam à criança explorar, experimentar e conhecer suas próprias possibilidades e limitações corporais, contribuindo, assim, para o desenvolvimento e ampliação de diferentes habilidades e de competências.

Em outros momentos, essas atividades pedagógicas possibilitam que ela experimente as convenções socialmente organizadas, resolva conflitos e preserve a cultura social.

1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste trabalho é enfatizar a importância do lúdico na educação infantil, reforçando a necessidade do brincar para melhorar o desempenho e a aprendizagem das crianças.

1. **Objetivos específicos**

- Compreender a concepção da infância, e as diversas dimensões do brincar;
- Ressaltar que as brincadeiras espontâneas, bem como os jogos lúdicos são meios que a criança utiliza para se expressar;
- Ressaltar que os Jogos, os Brinquedos e a Brincadeira no Contexto Escolar são extremamente necessários para as crianças.

2 METODOLOGIA

Este Trabalho adota uma abordagem de caráter qualitativo, de natureza bibliográfica, uma vez que se fundamenta em produções científicas já publicadas sobre a temática do brincar na Educação Infantil. Segundo Gil (2019), a pesquisa bibliográfica busca compreender e analisar diferentes contribuições teóricas, permitindo uma reflexão crítica acerca do objeto de estudo.

A escolha dessa abordagem justifica-se pela relevância de compreender o brincar enquanto prática pedagógica essencial para o desenvolvimento integral das crianças, visto que possibilita aprendizagens significativas e experiências que contemplam aspectos cognitivos, sociais, afetivos e motores.

O percurso metodológico consistiu em levantamento de referências em livros, artigos científicos e documentos oficiais, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os critérios de seleção das obras se pautaram pela relevância, e pela contribuição teórica para a discussão sobre o brincar.

A análise dos dados foi realizada a partir da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), permitindo a categorização das informações em eixos temáticos, tais como: brincar como direito da criança,

brincar no desenvolvimento integral, o papel do professor no brincar e as contribuições do brincar para a aprendizagem.

Assim, a metodologia adotada busca dar respaldo teórico-científico à reflexão sobre a relevância do brincar como recurso pedagógico e direito fundamental das crianças na Educação Infantil.

DESENVOLVIMENTO

2.1 Concepção de Infância

A infância pode ser compreendida como o período desde o nascimento até os doze anos de idade. Nesse período ela passa por três estágios; primeira infância, segunda infância e terceira infância.

A primeira infância é o período que vai desde o nascimento do bebê até o seu terceiro ano de vida, é um período de grande desenvolvimento físico, marcado pelo gradual aumento do peso e da altura da criança. A primeira infância ainda pode ser subdivida em duas fases, de zero a dezoito meses, e de dezoito a trinta e seis meses. Na primeira fase o bebê é totalmente dependente do adulto, na alimentação, higiene, locomoção e cuidados em geral.

Nesse estágio da vida, a criança cresce muito rapidamente e aprende a sentar-se, engatinhar e andar. Também é nessa fase que aparecem os primeiros dentes e o balbucio das primeiras tentativas de falar. Já na segunda fase da primeira infância, isto é, de dezoito a trinta e seis meses de vida, a pequena criança desacelera o ritmo de crescimento e ganho de peso. Ela consegue correr por curtos espaços, fala palavras soltas como papá (papai), mamã (mamãe), bóa (bola). Algumas crianças aos três anos de idade conseguem falar frases curtas e, até mesmo, frases mais complexas. Nesse período ela é capaz de alimentar - se sem necessitar da ajuda de terceiros e inicia o processo de vestir-se sozinha.

A maioria das crianças abandonam as fraldas nessa faixa etária. É, também nessa fase, que ela começa a se reconhecer como pessoa e adquire entendimento de que existe o outro, principalmente por causa dos laços de amizade que constroem com outras crianças, embora esta seja uma fase caracterizada pelo egocentrismo. A tendência é que a partir dessa fase, a criança aprimore as habilidades adquiridas ao longo desses três primeiros anos. Um dos principais aspectos dessa faixa etária é o desenvolvimento gradual da fala e da linguagem como um todo.

A segunda infância é compreendida entre o terceiro e o sexto ano de vida. É a fase em que a criança continua desenvolvendo e aprimorando as habilidades iniciadas na primeira infância. Nessa faixa etária, ela começa a desenvolver os aspectos básicos de responsabilidade e independência, bem como padrões de comportamento e um processo chamado de identificação, preparando-se, ainda que inconscientemente, para o próximo estágio que são os anos iniciais da escola. Nessa fase elas são muito ativas e estão o tempo todo explorando o ambiente ao seu redor. A segunda infância é marcada também pelo desenvolvimento psicológico da criança. Nesse período, ela continua a desenvolver-se fisicamente de forma lenta e gradual, mas desenvolve principalmente o aspecto social, emocional e mental.

Na maioria das sociedades, por volta do quinto ano de vida, as crianças aprendem regras e padrões de comportamentos básicos. Elas aprendem então a discernir se uma dada ação á certa ou errada.

Por fim, a terceira infância, que compreende a faixa etária entre os seis e os doze anos de idade. É a fase em que a criança começa a se comparar às outras da mesma idade. Por volta dos sete ou oito anos de vida, ela passa a racionalizar seus pensamentos e suas crenças, procurando as razões e os porquês por detrás de um problema ou fato. Assim, elas começam por si só, a analisar os padrões de comportamento ensinados pela família e sociedade. Nesse contexto, ela diminui a importância dada aos pais e à família e passa a ter como referência os amigos, colegas e professores. Os dentes de leite começam a cair, dando lugar aos dentes permanentes. Esse período da segunda dentição se estende dos seis anos até a adolescência.

A partir dos dez anos de idade, a criança passa a dar mais importância a um grupo de amigos que possuem gostos semelhantes. A faixa etária que se inicia a partir do décimo ano de vida, é um período de intensas mudanças físicas e psicológicas, esta fase é conhecida como a pré-adolescência.

Nesse período, a criança passa a ter mais responsabilidade e passa também a exigir mais respeito por parte dos outros, principalmente dos adultos. É também nessa fase que ela passa a compreender melhor a sociedade e os grupos sociais. É uma fase de muita instabilidade no desenvolvimento psicológico, quando surgem as primeiras preocupações com a expectativa de ser ou não aceita por um determinado grupo. A pré-adolescência é também marcada pelo início da puberdade, fase em que se acelera o crescimento físico e o amadurecimento dos órgãos sexuais.

O texto em questão, traz uma ideia geral de cada fase da infância, sem levar em consideração algumas peculiaridades de cada indivíduo, independente da faixa etária. Porém, o objetivo deste trabalho é dar ênfase à importância do brincar na educação infantil, portanto abordar-se-á o contexto das crianças na primeira e segunda infância, isto é, de zero até os seis anos de vida.

1. As Diversas Dimensões do Brincar

Algumas pessoas veem no brincar algo inato à criança, isto é, toda criança já nasce sabendo brincar e essa é uma atitude normal e corriqueira

que acontece naturalmente como meio de diversão para elas. Porém, os psicólogos, os psicanalistas e os educadores em geral têm o conhecimento de que as atitudes do brincar vão muito além da simples diversão infantil. Vários especialistas desenvolveram e ainda desenvolvem diversas pesquisas sobre o ato do brincar para os infantis e as dimensões que ele abrange. Para eles, a criança não nasce sabendo brincar, ela aprende a brincar a partir das interações e do contato com outras crianças, com os adultos, com os objetos e com o meio.

O movimento para a criança pequena significa muito mais do que mexer partes do corpo ou deslocar-se no espaço; é a sua forma de expressão e de comunicação com as pessoas e com o mundo. Essa comunicação ocorre por meio dos gestos e das mímicas faciais em situações que utiliza fortemente o apoio do corpo.

Desde o nascimento, a criança já se movimenta, criando diferentes gestos para se comunicar. Dessa forma, vai adquirindo cada vez mais o controle sobre o próprio corpo, apropriando-se cada vez mais das possibilidades de interação com o mundo que a cerca.

Pode-se dizer que, no início do desenvolvimento, predomina a dimensão subjetiva da motricidade, que encontra sua eficácia e sentido principalmente na interação com o meio social, junto das pessoas com quem a criança interage diretamente.

Somente aos poucos ela vai desenvolvendo o que se chama de dimensão objetiva do movimento, que corresponde às competências instrumentais para agir sobre o meio físico.

Portanto, o movimento humano é mais do que um simples deslocamento do corpo no espaço; constitui-se de uma linguagem que permite à criança agir sobre o meio físico e atuar sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo para construir determinados gestos.

Na faixa etária dos quatro a seis anos de idade, constata-se uma ampliação do repertório de gestos instrumentais, os quais contam com uma progressiva precisão. Esses atos exigem a coordenação de vários segmentos motores e o ajuste de alguns movimentos específicos como os de recortar, colar, encaixar.

Nas atividades de sala de aula, é muito frequente que a criança “desvie a direção de seu gesto”. Por exemplo, no momento que está recortando, de repente ela passa a brincar com a tesoura, transformando-a num avião, numa espada etc.

Aos poucos a criança começa a ter um controle mais voluntário sobre os movimentos, que lhe possibilita um planejamento e a antecipação de suas ações, como ao dizer: “vou até o parque”; “vou pular assim”; “vou fazer assim”.

Os recursos de contenção motora, por sua vez, traduzem-se no aumento do tempo em que a criança consegue manter-se numa mesma posição. Vale destacar o enorme esforço que tal aprendizado exige da criança, já que quando o corpo está parado, ocorre intensa atividade muscular para mantê-lo na mesma postura.

Portanto, o repertório de gestos e movimentos que as crianças já possuem, deve ser o ponto de partida para realizar o trabalho corporal com crianças de 0 a 5 anos de idade. Assim, podem ampliar seus movimentos por meio de atividades lúdicas que envolvem jogos e brincadeiras, superando um trabalho mecânico e repetitivo de gestos e movimentos descontextualizados.

A educação infantil é voltada para o ensinamento das brincadeiras. As crianças dessa fase escolar brincam na maior parte do tempo em que estão na escola, mas não se trata de brincar de qualquer maneira, livres e soltas, existe toda uma preparação, um planejamento, uma intencionalidade e um direcionamento das brincadeiras. Portanto, o educador infantil é o principal responsável por ensinar as crianças a brincar, ele possui uma formação e o conhecimento para preparar as ações a serem desenvolvidas pelas crianças na sala de aula e nos outros espaços da escola.

Nessa perspectiva, fica evidente que o brincar não é uma atitude inata à criança. Ao nascer, ela precisa entrar em contato com os objetos e com as

maneiras de operá-los. Esses ensinamentos são exercidos por outras pessoas, a princípio a mãe do bebê e, mais tarde, o educador.

As brincadeiras são um exercício de cidadania infantil, através delas, as crianças aprendem a conviver socialmente, dividindo os espaços e os objetos, ampliando seus saberes, desenvolvendo-se oral e corporalmente, adquire novas habilidades, muda suas atitudes e maneiras de pensar e de encarar o mundo.

2. O Brincar Como Meio de Expressão da Criança

Ao brincar, a criança se utiliza das mais diversas formas de expressão. Enquanto brinca, ela se desenvolve plenamente, todas as suas funções cognitivas são ativadas, além é claro, do prazer que este lhe proporciona.

Durante as brincadeiras, a criança, tanto pode se utilizar de imitações como a mamãe cuidando da filha, quando brinca com a boneca, ou o papai dirigindo o caminhão, quando brinca com carrinhos, ou ainda a imitação de várias profissões, como professor, médico, bombeiro, cozinheira etc. como também, ela pode criar brincadeiras fictícias de outras situações de vida. Há, contudo, determinadas situações de brincadeira da criança em que o educador pode interpretar de maneira equivocada, como, por exemplo, quando a criança dá palmadas na boneca ou lhe puxa os cabelos, logo, conclui-se que essa criança está sendo vítima e maus tratos em casa, ou ainda, o menino que veste uma fantasia de princesa e logo se imagina uma questão de opção sexual. É necessário tomar muito cuidado com as interpretações que se atribui às brincadeiras das crianças, levando-se em consideração que este é o momento de experimentação, de apropriação e de confrontação com a cultura.

Para Freud (1856-1939), o brincar é um meio para alguém conhecer as características do funcionamento psíquico do sujeito. Sua importância está relacionada ao investimento afetivo que, por meio dele o individuo expressa. Na sociedade contemporânea, principalmente com o avanço da tecnologia, a vivência do brincar está perdendo espaço nos lares das crianças brasileiras.

Nesse sentido, torna-se imprescindível o papel da escola e mais especificamente do professor em proporcionar as brincadeiras como conteúdos de aprendizagem para essas crianças.

Kishimoto (2010) destaca que:

> Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver. (KISHIMOTO, 2010, p.1).

No contexto escolar, existem duas formas de brincadeira, a livre e a dirigida. Nas brincadeiras livres, as crianças escolhem como e com o que irão brincar. Deve-se ressaltar que, mesmo quando o professor propõe uma brincadeira livre, de certa forma ela também é dirigida, isto é, há uma mediação do adulto, como por exemplo, a delimitação de um determinado espaço, bem como as orientações referentes aos cuidados que se deve tomar ao correr, pular etc. No entanto, as brincadeiras propriamente dirigidas trazem em si toda uma intencionalidade, são planejadas de antemão e a mediação do professor é constante durante a sua realização.

Como exemplos de brincadeiras dirigidas pode-se destacar a roda cantada com a utilização de gestos corporais, a brincadeira de “corre cotia”, o circuito motor, o túnel das sensações, os diversos jogos com regras, entre outros. Deve-se ainda frisar que se denominam brincadeiras, porém são atividades riquíssimas para o desenvolvimento infantil em todos os aspectos.

Durante as brincadeiras livres, como por exemplo, o faz de conta ou o que se chama de brincadeira simbólica, a criança traz muita informação para quem a observa. Brincando, ela representa muitas situações de sua vida real.

O faz de conta, as imitativas e as dramatizações, permitem que a criança experimente diferentes papéis, e, ao encenar situações da vida real, maneje suas emoções.

Para Kishimoto (2010), a pouca qualidade da educação infantil pode estar relacionada com a oposição que alguns estabelecem entre o brincar livre e o dirigido. Para ela é preciso desconstruir essa visão equivocada para pensar na criança inteira, que, em sua subjetividade, aproveita a liberdade que tem para escolher um brinquedo para brincar e a mediação do adulto ou de outra criança, para aprender novas brincadeiras. Ainda segundo a autora, a criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos. Ela descobre, em contato com objetos e brinquedos, certas formas de uso desses materiais. Observando outras crianças e as intervenções da professora, ela aprende novas brincadeiras e suas regras.

Oliveira (2010, p.68.) destaca que além de ser uma situação imaginária, o brinquedo é também uma atividade regida por regras. Mesmo no universo do “faz de conta”, há regras que devem ser seguidas. Numa brincadeira de “escolinha”, por exemplo, tem que haver alunos e uma professora, e as atividades a serem desenvolvidas têm uma correspondência preestabelecida com aquelas que ocorrem numa escola real.

A autora afirma ainda que são justamente as regras da brincadeira que fazem com que a criança se comporte de forma mais avançada do que aquela habitual para sua idade.

1. O Jogo, o Brinquedo e a Brincadeira no Contexto Escolar.

A origem dos jogos remonta à Antiguidade, quando apresentava funções ritualístico-religiosas, sociais, comemorativas. Mesmo os jogos hoje considerados infantis (pipa, amarelinha, bola, corda etc.) estiveram presentes nas diversas culturas e são ligados, até hoje, ao sagrado.

Nesse contexto, Ariès (1981), destacou:

> [...] partimos de um estado em que os mesmos jogos e brincadeiras eram comuns a todas as idades e a todas as classes. [...] Essa sobrevivência popular e infantil outrora comum a toda a coletividade preservou também uma das formas de divertimento mais gerais da antiga sociedade: o disfarce, a fantasia. Os romances do século XVI ao XVIII estão cheios de histórias de disfarces: rapazes vestidos de mulher, princesas vestidas de pastoras etc. Essa literatura traduz um gosto que sempre se expressa nas festas sazonais ou ocasionais: festas de Reis, terça-feira gorda, festas de novembro. (ARIÈS, 1981, p.124).

Essa descrição que o autor faz dos jogos da antiguidade, vem a confirmar que, naquela época, tanto os adultos como as crianças partilhavam das mesmas brincadeiras, tanto para se divertir quanto para seguir rituais religiosos.

A psicologia tomou emprestadas outras importantes concepções de estudiosos comprometidos com a relação ludicidade-criança-educação. Alguns deles são:

Jean-Ovide Decroly, psicólogo belga (1871-1932), criou a expressão “jogos educativos” e advogava que a educação e a sociedade deveriam estar em interação constante, devendo a escola ser um prolongamento da vida.

Édouard Claparèd, psicólogo suíço (1873-1940), via no jogo um modelo educativo.

Carl Rogers, psicólogo norte-americano (1902-1987), pai da educação não diretiva, defendia, entre seus princípios teóricos, que o processo educativo deveria ser agradável e não ameaçador.

Donald Winnicott, psicólogo inglês (1896-1971), atestava que nos anos pré-escolares a brincadeira é um meio fundamental para a criança resolver os problemas emocionais que fazem parte do desenvolvimento. A brincadeira também é um dos métodos característicos da manifestação infantil, um meio para perguntar e explicar.

Assim, o autor propunha outro emprego para o jogo infantil: o terapêutico. Entretanto, assegurava que a possibilidade de arguição e de elucidação criada pelo jogo é essencial na vida da criança.

De acordo com as teorias que embasam o brincar, pode-se afirmar que não há entendimento único do significado dos termos: jogo, brinquedo e brincadeira. Por essa razão, a seguir apresentam-se algumas definições com

intuito de esclarecer os conceitos e favorecer a compreensão desses termos e de sua função no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil.

O Dicionário Houaiss (2009), define jogo, brinquedo e brincadeira da seguinte maneira:

Jogo: substantivo masculino, **1.** atividade cuja natureza ou finalidade é a diversão, o entretenimento; **2.** Atividade submetida a regras que estabelecem quem vence e quem perde; **2.1.** competição desse gênero que implica sorte e azar, podendo ou não envolver apostas em dinheiro; (...)

Brinquedo: substantivo masculino, **1.** objeto com que as crianças brincam; **2.** brincadeira ou jogo; passatempo; distração; **3.** Derivação: por metáfora: pessoa com quem se faz o que se quer; joguete; **4.** coisa que não é séria; brincadeira; **5.** coisa fácil de fazer ou de pouca monta.

Brincadeira: substantivo feminino ato ou efeito de brincar; **1.** Jogo, divertimento, passatempo; **2.** gracejo, zombaria, piada; **3.** Ato que se pratica por exibicionismo ou falta de juízo e que acaba mal; **4.** Uso: informal: coisa de pouca seriedade, fácil de resolver; (...)

Observa-se que os termos apresentam conceitos em comum, mas no contexto da educação infantil e principalmente na prática, ocupam diferentes espaços no desenvolvimento infantil.

Os jogos, brinquedos e brincadeiras na atualidade oferecem situações de aprendizagens interessantes, dentro de um contexto rico em significados para as crianças. Promovem, também, a interação entre os participantes, permitindo o confronto de percepções e esquemas, comparações, troca de informações e pontos de vista, modificação de conceitos e conhecimentos prévios. Possibilitam, ainda, o desenvolvimento da capacidade de adaptação – já que quem joga vê-se obrigado a adaptar-se e a refletir constantemente em situações problemas. Também promovem a aprendizagem de muitos conteúdos referentes às atitudes, normas e valores, numa escala micro, porém rica e significativa.

Numa situação de jogo, a criança se utiliza de tudo o que sabe para resolver os problemas que são colocados. Por exemplo, num jogo de esconde-esconde, ela precisa pensar na estratégia que lhe facilitará chegar mais rápido no pique. Para isso, deverá pensar na distância do local para se esconder e no

tempo que terá para não ser pega. Também poderá lidar com o medo (de ser esquecida pelos companheiros) e, se for pega, enfrentar ainda o sentimento de frustração.

O brinquedo é a essência da infância e permite um trabalho pedagógico que possibilita a produção de conhecimento da criança. Ela estabelece com o brinquedo uma relação natural e consegue extravasar suas angústias e entusiasmos, suas alegrias e tristezas, suas agressividades e passividades. (FANTACHOLI, 2011).

Nesse sentido, é perceptível a infinidade de conteúdos de aprendizagens existentes em uma inocente brincadeira, e como as atitudes do brincar podem afetar positivamente o psicológico das crianças. Ainda que num primeiro momento possa parecer que afeta também negativamente (no caso da frustração, do medo, da insegurança, da desconfiança etc.), à medida que a criança treina essas brincadeiras, seu psicológico vai se desenvolvendo e , todos os sentimentos negativos vão se transformando gradativamente em positivos, uma vez que, a partir do treinamento, ela passa a obter resultados positivos e, assim, adquire auto confiança.

De acordo com Miranda (2016, p. 63.), “O gozo de convivência proporcionado pelo jogo provoca relações afetivas positivas. O jogo é importante para o desenvolvimento emocional da criança, pois possibilita a expressão de ideias e sentimentos que de outro jeito não externariam”.

Os jogos da cultura corporal, resgatados da infância de cada um, estão presentes na escola e são utilizados pelos educadores. Mas ainda são pouco evocados, não somente quando se trata de planejamento, registro e relatório, mas também nos espaços de formação. Certamente é dentro da escola que essas propostas precisam ser discutidas. Dessa forma, a criança estará ampliando seu repertório de jogos e brincadeiras e conhecendo diferentes culturas.

Na elaboração dos jogos de movimento, cabe ao educador, propor atividades nas quais todos participem, visando a desenvolver um clima de cooperação e respeito em que as crianças estejam em movimento, evitando

tempo de espera. As brincadeiras onde há regas do tipo “perdeu, está fora”, como corre cotia, dança das cadeiras, pega-pega, entre outras, o professor pode combinar novas regras. Também é necessário adequar as regras, os espaços, os materiais e as formas de atuação de acordo com o seu grupo e suas especificidades (faixa etária, interesse, capacidades individuais etc.).

É importante também, considerar que em todas as atividades, as regras podem ser socializadas e/ou construídas com antecedência e que as próprias crianças podem criar novas regras. O professor deve planejar as atividades previamente, levando em consideração o cuidado com a integridade física das crianças, propondo desafios, mas, sem a indução de comparação e competição acirrada. Também deve-se propor atividades que estimule a cooperação entre as crianças. Em casos de conflitos, é importante que o educador oriente os alunos para que eles desenvolvam atitudes de respeito com o próximo, não permitindo qualquer situação que cause constrangimento e humilhação a qualquer membro do grupo.

É importante que o educador tenha um olhar atento para perceber quando a criança não quer brincar. Essa situação pode ocorrer por medo de se arriscar ou de expor-se, mas também pode acontecer pelo simples fato de a criança não estar com vontade de brincar. Esses momentos precisam ser respeitados tanto pelo educador quanto pelos colegas, não se pode obrigar a criança a participar de um jogo ou uma brincadeira se ela não quer, cabe ao professor acolhê-la e questionar o motivo da não participação. No caso de algum medo ou insegurança, ele deve explicar novamente as regras e encorajá-la a participar. Em alguns momentos deve-se permitir que as próprias crianças ensinem a brincadeira para os colegas, nesse caso, o professor deve apenas observar e fazer intervenções apenas se for necessário, como no caso de possíveis desentendimentos.

Nesse contexto Kishimoto (2010) afirma:

> Todo o período da educação infantil é importante para a introdução das brincadeiras. Pela diversidade de formas de

> conceber o brincar, alguns tendem a focalizá-lo como característico dos processos imitativos da criança, dando maior destaque apenas ao período posterior aos dois anos de idade. O período anterior é visto como preparatório para o aparecimento do lúdico. No entanto, temos clareza de que a opção pelo brincar desde o início da educação infantil é que garante a cidadania da criança e ações pedagógicas de maior qualidade. (KISHIMOTO, 2010, p.1).

A autora ressalta, ainda, que para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia e é importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar.

1. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos dados obtidos ao longo da pesquisa evidenciou que o brincar constitui-se como um elemento central no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, favorecendo tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o socioemocional das crianças. Observou-se que, nas leituras e pesquisas feitas para este trabalho, que as atividades lúdicas se planejadas de maneira frequente, e com intencionalidade pedagógica, são fundamentais para o desenvolvimento intelectual, a convivência, dentre outros benefícios para as crianças, embora ainda havia lacunas quanto à intencionalidade pedagógica por parte de alguns docentes, que infelizmente veem a ludicidade como perda de tempo.

Durante as pesquisas para o referido trabalho, verificou-se que as crianças apresentam maior engajamento, cooperação e criatividade quando as propostas de ensino são relacionadas ao brincar simbólico, jogos de regras e atividades de faz de conta. Essa constatação confirma os pressupostos de Vygotsky (1991), segundo os quais o brincar cria uma zona de desenvolvimento proximal, permitindo à criança avançar em suas aprendizagens mediada pela interação social.

Portanto a ludicidade faz parte do ensino e aprendizagem para as crianças da educação infantil. Nesse sentido, Kishimoto (2011) destaca que o brincar não deve ser entendido como oposto à aprendizagem, mas como meio privilegiado para a apropriação de conhecimentos e para a construção de vínculos afetivos e sociais.

Ademais, verificou-se que as práticas pedagógicas que privilegiavam o brincar contribuíam para o desenvolvimento da autonomia, da linguagem e da resolução de conflitos entre pares. Esses resultados corroboram as reflexões de Brougère (2008), que entende o brincar como experiência cultural, carregada de significados e aprendizagens que ultrapassam o simples entretenimento.

Portanto, os achados deste estudo reforçam que o brincar deve ser reconhecido como direito fundamental da criança, elemento estruturante da Educação Infantil e prática que, quando mediada pedagogicamente, potencializa as aprendizagens e o desenvolvimento integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou refletir sobre a importância do brincar na Educação Infantil, destacando-o como uma prática essencial para o desenvolvimento integral da criança. A análise teórica e as discussões realizadas ao longo desta pesquisa evidenciam que o brincar não deve ser compreendido apenas como uma atividade recreativa, mas como um direito assegurado às crianças e um instrumento pedagógico que contribui para o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e motor.

Foi possível constatar, a partir das contribuições de autores como Piaget, Vygotsky e Kishimoto, que o ato de brincar favorece a construção do conhecimento, amplia a imaginação, fortalece vínculos sociais e possibilita à criança elaborar suas experiências e compreender o mundo em que vive. Assim, o brincar assume um papel central no processo de ensino-aprendizagem, devendo ser valorizado e intencionalmente planejado no cotidiano escolar.

Além disso, ressalta-se que o professor tem um papel fundamental na mediação das brincadeiras, na criação de ambientes lúdicos e no incentivo às práticas que respeitem as especificidades de cada faixa etária. Nesse sentido, cabe à escola compreender que o brincar não é uma perda de tempo, mas uma forma privilegiada de aprender, sendo imprescindível que esteja presente nas propostas pedagógicas da Educação Infantil.

Portanto, conclui-se que garantir o brincar é assegurar à criança o direito a uma infância plena, rica em descobertas, aprendizagens e interações significativas. Dessa forma, reafirma-se a necessidade de que educadores, gestores e toda a comunidade escolar reconheçam e promovam o brincar como elemento estruturante da Educação Infantil, contribuindo para a formação de sujeitos criativos, autônomos e socialmente participativos.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2.ed. – Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BROUGÈRE, Gilles. **Jogo e Educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** . Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2009.

_____**Etapas do Desenvolvimento na Infância.** <Disponível em: https://abcdobebe.com/crianças/etapas-do-desenvolvimento/>. Acesso em: 8 set. 2017.

FANTACHOLI, Fabiane das Neves. **O Brincar na educação infantil: jogos, brinquedos e brincadeiras – um olhar psicopedagógico.** <Disponível em: http://revista.fundacaoaprender.org.br/p=78> Acesso em: 30 set. 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HOUAISS, Grande Dicionário Eletrônico. **Significados de jogo, brinquedo e brincadeira.** <Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/> Acesso em: 30 set. 2017.

KISHIMOTO, Tizuco M**. Importância do brincar para criança de 0 a 5 anos e 11 meses.** ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL:CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. 14. ed. São Paulo: Pioneira, 2011.

MIRANDA, Simão de. **Oficina de ludicidade na escola.** Campinas, SP: Papirus, 2016.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky:** aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 5. Ed. São Paulo: Scipione, 2010. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula)

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.